

NA TERRA E NO MAR, NÓS VAMOS LUTAR!

No Brasil, o direito das mulheres negras quilombolas e marisqueiras vêm sendo violado pelo estado há séculos. Nossas mulheres sofrem com a falta de políticas públicas, com a violência física, sexual, moral e com a destruição

mata a população pobre em nome do lucro de alguns grupos econômicos estrangeiros ou brasileiros.

Para Eliete Paraguaçu (Ilha de Maré), uma das mulheres que atua no Movimen-

mangue". O "modelo de desenvolvimento" denunciado por Eliete, promovido pelo Estado brasileiro a mando e desmando de empresários e fazendeiros, tem permitido a degradação do meio ambiente através de mega-projetos de incentivo ao agro e hidronegócio (quando vastas faixas de terra e água ao invés de livres para uso da população, vira um negócio lucrativo para uns poucos), inclusive nas áreas de preservação permanente, como manguezais e matas ciliares.

Esta política do Estado tem causado violência física, psicológica, sexual e afirmado a discriminação

ponsáveis por 70% do pescado no país.

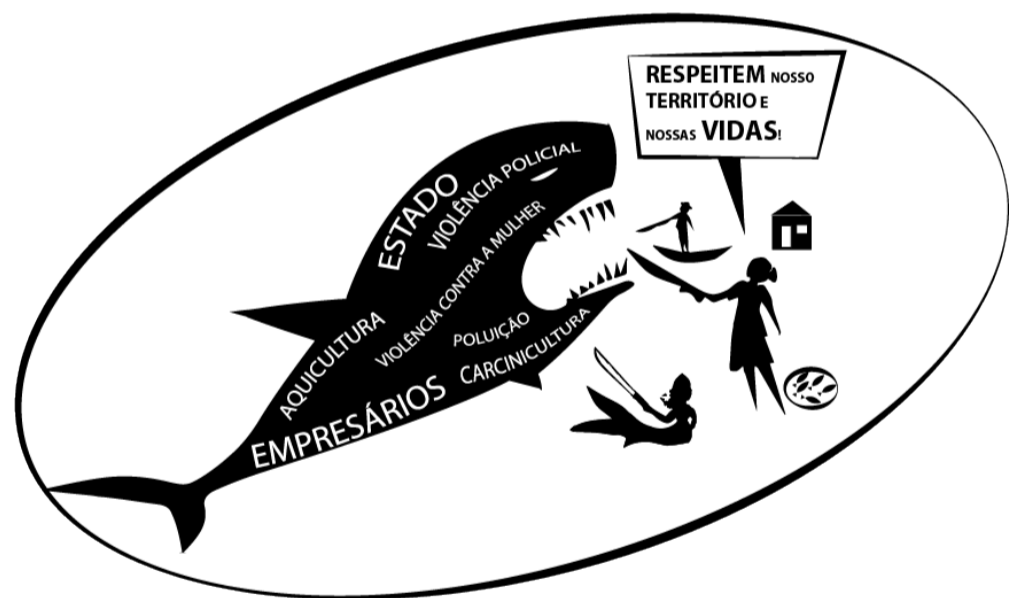
Como foi dito, a violência do estado não incide apenas no meio ambiente, e como sempre, o corpo e a vida das mulheres são os primeiros a serem violados. São frequentes os casos de que quando as comunidades são ameaçadas, elas são as primeiras a sofrerem as perseguições. Essas perseguições ocorrem através de abusos sexuais, estupro, ameaças, e até mesmo a partir do adoecimento do corpo das mulheres. Eliete afirma que quando ocorrem derramamentos de óleo, decorrentes dos

As mulheres pescadoras e marisqueiras querem continuar nas águas dos mares e dos manguezais, respeitando aquilo que a natureza pode oferecer, preservando a vida.

do seu ambiente natural, de seus modos de fazer, viver e criar tradicionais. As mulheres pescadoras e marisqueiras querem continuar nas águas dos rios, dos mares, dos manguezais e das lagoas, respeitando aquilo que a natureza pode oferecer, preservando a vida no ambiente, garantindo a alimentação de suas crianças e seu bem estar. Mulheres das águas têm o acúmulo necessário (fruto da experiência no enfrentamento da labuta de ser mulher, mãe, trabalhadora em casa e batalhadora da vida para garantir seu sustento) para denunciar e

to de Pescadores e Pescadoras Artesanais: "O manguezal, por exemplo, é o berçário. Com o manguezal é que paga conta de água, é que paga conta de luz, o manguezal tem uma importância fundamental na vida da mulher pescadora, a gente cuida dele sabendo que cuidando do manguezal os nossos filhos tem alimentação garantida e a sociedade vai ter marisco de qualidade."

Essa qualidade e soberania alimentar, de que nos fala Eliete, está ameaçada pelos ditames econômicos capitalistas, já que "(...) nestes últimos tempos, es-



racial e social, além de utilizar ameaças de morte para amedrontar e expulsar a comunidade de seu território. O modelo capitalista de "desenvolvimento" cede lugar a grandes empreendimentos que, em nome do progresso, dizimam inúmeras comunidades tradicionais do campo, das águas e das florestas. Como exemplo, no caso das águas, este problema afeta pelo menos 1,5 milhões de pescadores e pescadoras artesanais, que são res-

empreendimentos industriais locais, os corpos das mulheres marisqueiras ficam expostos e se contaminam. Além dos riscos de contaminação, ela relata que os corpos das mulheres pescadoras vem sendo abusados sexualmente porque quando as empresas se instalam no território trazem consigo "homens de fora" que trabalham por tempo determinado, e muitos desses homens, ao se depararem com áreas frequentadas apenas por mulheres,

O "modelo de desenvolvimento" promovido pelo Estado brasileiro a mando e desmando de empresários e fazendeiros, tem permitido a degradação do meio ambiente.

querer transformar o sistema em que vivemos que desapropria, marginaliza e

se modelo de desenvolvimento vem diferenciando e arrasando as áreas de

avançam e violam o corpo e vida destas mulheres justificando através de uma subjetividade machista. Outro caso contado por essa marisqueira são dos corpos encontrados por pescadores nas áreas de pesca. Esses corpos pertencem a mulheres trabalhadoras do sexo que são atirados dos navios em alto mar. Estes fatos trazem insegurança e dificultam o trabalho destas mulheres e influenciam diretamente nas suas subsistências.

No Quilombo Rio dos Macacos, uma das comunidades mais antigas de resistentes da escravidão, são públicas as falas das mulheres que sofreram estupro dos fuzileiros navais e outras violências como o espancamento, a tortura psicológica e o derrubamento de casas. Nas comunidades tradicionais, o ataque ao seu território significa também a invasão e a violência às mulheres.

Além das violências já apontadas, as mulheres moradoras de comunidades tradicionais não têm acesso às políticas públicas de saúde e educação. Apesar de compreendermos que as políticas sociais públicas não representam transformação na sociedade, estas são respostas que o Estado consegue dar à luta da classe trabalhadora, devendo portanto atender às necessidades desta classe ao invés de servir como mais um instrumento de violação das comunidades tradicionais. Em meio a esse contexto, Eliete questiona: Que modelo é esse que mata? Que modelo é esse que traz miséria? Ela mesma responde: "A in-

tenção [desse modelo] é exterminar, é esconder a nossa origem, a nossa cultura, os nossos saberes e sabores".

É, portanto, para combater esse modelo capitalista, racista, feminicida (que

Formamos a ANP porque nada do que a gente falava era considerado por ninguém que não fôssemos nós mesmas. A dificuldade que sentimos foi porque eram poucas mulheres, pois seus companheiros não as deixavam

ANP, para que nossas pautas se fortalecessem e fossem conquistadas".

As mulheres pescadoras atualmente se enfrentam com o Estado capitalista para garantir o direito de continuarem com seu modo de vida, através do território livre (que implica diretamente em autonomia financeira, moral, física e de seus corpos). Para os modelos de sociedade impostos pelos brancos-civilizados (capitalistas ou não), os modos de vida tradicionais são entraves para o desenvolvimento econômico brasileiro e precisam ser superados, assim as populações são dizimadas ou empurradas para as periferias das grandes cidades onde terão seu fazer, viver e criar destruídos.

Mesmo as comunidades tradicionais urbanas, como a Gamboa de Baixo, e a Chácara de Santo Antônio sofrem com esse movimento perverso civilizatório. Como afirma Eliete, "É uma pauta só: a vida das mulheres trabalhadoras do campo, das águas e das florestas estão ameaçadas por esse modelo que é perverso, que exclui, que assassina e que mata" e se o Estado considera as mulheres trabalhadoras tradicionais entraves para o desenvolvimento do país, afirmamos junto com Eliete, Maninha, Dona Joana e todas as mulheres que se organizam e lutam que "se entrave é garantia de território, a gente vai ser entrave" para defender não apenas o local de morada, mas também suas tradições afro-brasileiras, seu modo de vida e sua autoestima.



Na luta e na pesca mulheres construindo direitos!

mata sistematicamente mulheres) e todas as demais violações sofridas que as mulheres negras se organizam, a partir de princípios do cotidiano de solidariedade e o apoio mútuo. É nesse sentido que surge a Articulação

sair para passar vários dias fora de casa. E ainda porque muitas não conheciam seus direitos". Dona Joana, pescadora organizada da ANP complementa: "A ANP surgiu quando o governo federal convidou as mulheres pescadoras

"Que modelo é esse que mata? Que modelo é esse que traz miséria? A intenção é exterminar, é esconder a nossa origem, a nossa cultura, os nossos saberes e sabores".

Nacional de Pescadoras, segundo Maninha (pescadora organizada da ANP) "Vimos a necessidade de formar um grupo e nos fortalecer pela dificuldade de sempre estar indo de encontro em encontro.

do Brasil a participarem de um Congresso em Brasília para fazer discussões sobre a realidade das mulheres da pesca. Nós fizemos diversas propostas e nenhuma saiu do papel, por isso, resolvemos fundar a

"Se entrave é garantia de território, a gente vai ser entrave!"